



Governo Municipal
Campos do Jordão

Autor: Gisele Souza Moreira (G. Luni)

Cidade: Itatiba/SP

Sobre cervejas e uvas verdes

A primeira compra no mercado depois de uma separação tem um gosto amargo de solidão e futuro. Não costumava reparar em tantos casais nos corredores do mercado. Neste dia, eles pareciam colocados ali de propósito. Alguns com crianças: dois adultos cuidando de crianças, não um sozinho. Um casal de idosos que provavelmente tinha vivido toda a vida juntos, vencendo desafios da vida a dois, devem sentir orgulho de uma história de tantos anos.

Parei na frente da prateleira tentando decidir se o pacote de arroz de 5 quilos ainda seria a melhor escolha. “Melhor levar o menor”, pensei. Olhei para o lado e a tristeza estava lá, pronta para ser sentida. Nem no mercado eu me livrava dela, feito sombra que me acompanhava desde o dia que decidimos seguir vidas separadas. Não, isso não está certo, foi desde muito antes, é que há algum tempo eu costumava ter companhia para ser triste.

Tentei me concentrar em terminar logo as compras e ir embora dali. Fiz uma última parada no corredor de cervejas. Enquanto observava as marcas, embalagens e preços, senti uma lágrima escorrendo no meu rosto. Pensei que conseguiria não chorar hoje e quase consegui. Quase.

Eu gosto de cerveja e costumava beber quase todos os finais de semana, mas nunca comprava; na verdade, eu não sabia de que cerveja eu gostava, não me atentava às marcas. Me lembro que na nossa divisão não combinada de tarefas, ficava a cargo dele comprar a cerveja. Não sei o que a atendente pensou quando me viu chorando em frente à prateleira de cervejas, mas cuidadosamente ela se aproximou e me disse:

— Posso te ajudar?

Demorei um pouco para perceber que ela falava comigo de tão distante que eu estava. Tinha me transportado para um domingo qualquer, quando ele me trazia uma cerveja bem gelada, já no copo, enquanto eu cozinhava. Ele me oferecia ajuda, as crianças interrompiam nossa conversa e ríamos de alguma coisa cotidiana que acontecia ali.

Percebi o olhar compadecido da atendente, me desculpei pela demora em responder e agradei a gentileza. Eu poderia ter ligado para o meu irmão



Governo Municipal
Campos do Jordão

ou para uma amiga para pedir indicações de cerveja, ou ter pedido que a atendente escolhesse qualquer uma, aleatoriamente, e me tirasse daquele sofrimento. Mas parar de chorar e escolher uma cerveja era um ato de coragem àquela altura do processo.

Finalmente peguei algumas cervejas e coloquei no carrinho, percebendo que a atendente continuava ali. Talvez ela soubesse mais sobre aquela cena do que eu imagino. Uma amiga me contou que se viu comprando uvas verdes depois da separação, sem perceber que não era ela que gostava dessa fruta, era o seu ex. Foi quando eu olhei para o meu carrinho e percebi que tinha comprado o iogurte preferido dele, aquele que não podia faltar na sua lista de compras e que, por algum motivo, estava na minha. É que tantos anos depois, parte dele passou a ser uma parte minha também e o processo de se encontrar consigo mesmo e reconhecer-se um indivíduo não é tão simples assim.

Empurrei o carrinho em direção ao caixa sabendo que algo bom havia acontecido ali: eu começava a me lembrar das coisas boas que vivemos, como se a nuvem cinza que pairava sobre as minhas memórias tivesse começado a se dissolver. Pensar isso quase me fez sorrir. Quase.